

NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Entrevista realizada por Camila Aloisio Alves¹ com o professor Hervé Breton², sobre narrativas e experiências no contexto da pandemia da COVID-19.

Camila Aloisio Alves (CAA): Hervé, agradeço por aceitar realizar a entrevista e solicito situar sua experiência com a pandemia e ações que têm desenvolvido na Universidade de Tours.

Hervé Breton (HB): Antes de tudo, gostaria de agradecer o convite e a oportunidade de contribuir com esta entrevista no âmbito do dossiê da revista *RBPAB* dedicada às narrativas de experiências vividas durante a pandemia da COVID-19. Este período apresenta algumas características muito singulares que merecem uma análise cuidadosa. De fato, como resultado deste evento catastrófico que começou no início de 2020 no Leste, em um mercado de alimentos em Wuhan, China, é possível que a humanidade tenha entrado em uma fase de incerteza duradoura que indica várias formas de colapso, segundo o livro coordenado por Yves Citton e Jacopo Rasmi (2020³ intitulado *Génération collapsonautes*.

Este tipo de fenômeno é muito difícil de ser apreendido. Esta dificuldade está resumida na teoria das catástrofes de Thom: “a essência da teoria das catástrofes é trazer as discontinuidades aparentes para a manifestação de uma

evolução lenta subjacente. O problema está, então, em determinar esta evolução lenta que, por sua vez, exige, em geral, a introdução de novas dimensões, de novos paradigmas” (1993, p. 62)⁴. As catástrofes estabelecem um regime de descontinuidade no curso das coisas que, embora possam ser tomadas como eventos, deixam em aberto um campo de possibilidades quanto às consequências geradas pelo evento que provocou a crise. É precisamente por esta razão que as práticas narrativas e as histórias de vida são propícias para apreender e compreender estas dinâmicas de longo prazo: a escala temporal do que poderia ter sido apenas um episódio e que poderia muito bem acabar sendo um ponto de viragem não é conhecida.

Este ponto me intriga particularmente porque questiona a própria possibilidade de gerar narrativas sobre a experiência da COVID-19. De fato, segundo a teoria desenvolvida por Paul Ricoeur, que postula uma lógica de reciprocidade entre a temporalização da experiência e a configuração da experiência vivida durante a composição das narrativas (RICOEUR, 1983; 1986)⁵, o narrador deve ser capaz de estabelecer um perímetro temporal a fim de considerar que sua narrativa está concluída e completa. Uma das características deste período de COVID, que começou no início de janeiro de 2020, é perdurar por enquanto – ou seja, agosto de 2020 –, sem uma duração previsível. É precisamente este ponto que me faz pensar que a

1 Psicóloga, sanitarista e pesquisadora. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris Nord. Centre de recherche Experice. Professora adjunta da Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP) e membro do Collège International de Recherche Biographique em Éducation (CIRBE). E-mail: camila.aloisioalves@gmail.com

2 Maître de conférences, Departamento de Ciências da Educação, Université de Tours, EA7505, EES. E-mail: herve.breton@univ-tours.fr

3 CITTON, Yves; RASMI, Jacopo. *Génération collapsonautes*. Paris: Seuil, 2020.

4 THOM, René. *Prédier n'est pas expliquer*. Paris: Flammarion, 1993.

5 RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. 1. L'intrigue et le récit historique. Paris: Seuil, 1983. ; RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986.

pandemia da COVID-19 constitui um ponto de viragem global, talvez uma mudança de época: mais do que um episódio momentâneo, ela provavelmente irá durar, secretando, mês após mês, consequências que acentuam as tensões intra e interestatais. Devo dizer que este ponto de vista era estranho para mim quando o confinamento terminou na França, em 22 de maio de 2020 (onda 1). Entretanto, as evoluções observadas durante o verão na Europa, mais também no Japão e na Índia, me levaram a reconsiderar esta posição.

CAA: Você poderia nos falar sobre sua trajetória de formação e pesquisa?

HB: Atualmente, sou professor – maître de conférences – em Ciências da Educação e Formação na Universidade de Tours, França, e, nos últimos três anos, ocupo a função de diretor do Departamento de Ciências da Educação desta mesma universidade. Estou vinculado à equipe do laboratório Educação, Ética e Saúde (EA7505) que reúne três departamentos: o Departamento de Ciências da Educação e Formação, o Departamento de Medicina Geral e o Departamento de Saúde Pública. Meus interesses de pesquisa incluem as dimensões formativas da narrativa de si e o reconhecimento dos saberes experienciais na educação de adultos e na saúde pública.

Tendo sido dirigido por Gaston Pineau em meu doutorado, as histórias de vida em formação são um foco importante das minhas pesquisas. Foi isto que me levou a procurar formalizar uma teoria de investigação narrativa que cruza os regimes de narrativa biográfica e descrição microfenomenológica (BRETON, 2020a, 2020b)⁶. Também estive envolvido na

vida científica de redes europeias, asiáticas, brasileiras e canadenses que trabalham no campo da pesquisa biográfica. Também trabalho há muito tempo com Pierre Vermersch (1994/2000)⁷ a quem devo muito, pois seu trabalho de entrevista de explicitação me parece de grande importância para integrar nas histórias de vida as experiências relativas à esfera do sensível, do ecológico e do incorporado.

CAA: Como foi construída a história da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF) na França e qual é o seu lugar no cenário científico e educacional?

HB: Sou presidente da Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação e Pesquisa Biográfica em Educação⁸ desde 2015. Fundada em 1990 por Gaston Pineau, então professor de Ciências da Educação na Universidade de Tours (França), Pierre Dominicé, então professor de Ciências da Educação na Universidade de Genebra (Suíça) e Guy de Villers, professor em Louvain-La-Neuve (Bélgica), a vocação da ASIHVIF é pensar as práticas narrativas a partir das suas dimensões experienciais, o que pressupõe assumir uma primazia da iniciação sobre a didática, experimentando os efeitos transformadores da narrativa antes de mobilizá-los em formação ou pesquisa, e uma primazia da postura em primeira pessoa para a expressão e interpretação das narrativas.

A ASIHVIF reúne pesquisadores e profissionais da área de educação de adultos oriundos da rede francófona, em diálogo com a rede europeia European Society Research in Adult Education (ESREA)⁹ que reúne uma rede de pesquisadores europeus envolvidos em pesquisa narrativa e biográfica. Um dos desafios da ASIHVIF

⁶ BRETON, Hervé. L'enquête narrative, entre détails et durée. **Education permanente**, n° 222, 173-180, 2002a. Disponível em: http://www.education-permanente.fr/public/articles/articles.php?id_revue=1763&id_article=2872. Acesso em: 13 set. 2020; BRETON, Hervé. Investigação narrativa: entre detalhes e duração. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão** (Universidade Federal de Roraima), v. 1, n. 1 especial, p. 12-22, 2020b. Dispon i-

vel em: http://www.education-permanente.fr/public/articles/articles.php?id_revue=1763&id_article=2872. Acesso em: 13 set. 2020.

⁷ VERMERSCH, Pierre. **L'entretien d'explicitation**. Paris: ESF. 1994/2000.

⁸ Site da ASIHVIF : <http://www.asihvif.com/>

⁹ Site da ESREA : <https://esrea.org/>. Site du réseau Histoire de vie et biographie au sein d'ESREA <https://esrea.org/networks/life-history-and-biography/>

é apoiar o desenvolvimento de dispositivos de formação através das narrativas, formando pesquisadores, profissionais e educadores de adultos para que tais dispositivos sejam estruturados de forma a garantir princípios éticos e experienciais. Uma das linhas de trabalho atuais da ASIHVIF é intensificar as ações de parceria com as redes de língua inglesa e portuguesa, em particular, a fim de desenvolver uma epistemologia e antropologia da narrativa no campo das ciências humanas e sociais.

CAA: No dia 20 de junho de 2020, foi realizado o Seminário Internacional *Vies et récits durant la catastrophe* – Vidas e narrativas durante a catástrofe –, que reuniu *on-line* um grupo de 28 pesquisadores e acadêmicos que compartilharam suas experiências vividas durante o confinamento. O seminário fez o *tour* do mundo em um itinerário que começou no Japão e terminou no Canadá. Você poderia nos dizer como surgiu esta ideia e qual foi seu propósito?

université de TOURS **Education tout au long de la vie** **SCIENCES DE L'ÉDUCATION FORMATION TOUT AU LONG DE LA VIE EXPERIENCE ACCOMPAGNEMENT**

SÉMINAIRE ANNUEL
Diplôme Universitaire (DU)
Histoires de vie en formation

VIES ET RÉCITS DURANT LA CATASTROPHE

Samedi 20 juin 2020
Webconférences

L'année 2020 est marquée par un événement d'une ampleur inédite depuis le début de ce troisième millénaire : l'irruption d'une pandémie qui a en quelques semaines, stoppé les activités à l'échelle mondiale, reclus à domicile les deux tiers de l'humanité, et produit une crise sanitaire sans précédent. Cette catastrophe s'est donnée à vivre selon des rythmes, des intensités, et des conséquences individuelles et collectives différentes selon les situations, les contextes, les environnements socio-économiques et socio-politiques. Elle a réduit les sphères d'existence à la surface de l'habitat, tout en faisant vivre ce processus de réduction de l'agentivité à l'échelle mondiale, selon un processus de circulation s'étendant de l'est vers l'ouest.

La journée du 20 juin 2020 sera l'occasion de partager les récits à l'échelle internationale. Elle réunira 27 chercheurs et universitaires qui prendront successivement la parole durant trente minutes, en anglais ou en français, selon l'itinéraire suivant : Japon (Kyoto, Kobe, Hokkaido), Hong Kong, Thaïlande (Chulalongkorn), Inde (Madras, Calcutta), Pologne (Basse Silésie), Italie (Milan), Suisse (Genève), France (Tours), Espagne (Séville), Portugal (Evora, Lisbonne), Maroc (Agadir), Angleterre (Canterbury), Brésil (Rio, Minas Gerais, Brasília, Natal, Salvador), Argentine (Buenos Aires), Mexique (Guadalajara), Canada (Québec, Montréal).

Chaque intervention sera structurée autour de quatre axes : 1/ Narrer la manière dont le Covid-19 a fait irruption dans le quotidien. 2/ Décrire l'expérience vécue durant le confinement. 3/ Identifier et nommer les apprentissages et compréhensions résultant de l'expérience de la catastrophe. 4/ Penser l'impact de la pandémie à l'échelle du pays, puis de la planète.

Webconférences

L'accès aux conférences sera gratuit, sans besoin d'inscription. Il suffit pour y assister de se connecter via le lien suivant : <http://univ-tours.adobeconnect.com/duhivif/>

Il sera possible d'adresser des questions via le fil des messages, celles-ci étant alors relayées par le modérateur. Les conférences seront enregistrées et mise en ligne sur une chaîne YouTube, la première conférence commençant à Kyoto au Japon à 04h00 du matin (heure France), la dernière au Canada à 22h00.

Un tutoriel pour la connexion via Adobeconnect est proposé à la fin de ce document.

Pour plus d'information : herve.breton.univ@gmail.com

Université de Tours
UFR Arts et Sciences Humaines
Département Sciences de l'Éducation et de la formation
<https://education.univ-tours.fr>

Mis à jour le 8 juin 2020

Liste des intervenants

N°	PAYS	CONFÉRENCIER	HEURE LOCALE	HEURE FRANÇAISE
1	JAPON - Université de Ritsumeikan	Pr MORIOKA Masayoshi	11h00	04h00
2	JAPON - Institut de Minatogawa	Pr SUEMOTO Makoto	11h30	04h30
3	JAPON - Université de Tohoku	Pr DAI Matsumoto	12h00	05h00
4	HONG KONG - Université de Hong Kong	Pr COUPE Christophe	11h30	05h30
5	THAÏLANDE - Université de Chulalongkorn	Dr RATANA-UBOL Archanya	11h30	06h30
6	INDE - Institut Français de Pondichery	Pr LANDY Frédéric	10h30	7h00
7	INDE - Université de Madras	Pr SUMATHI S.	11h00	7h30
PAUSE				
8	POLOGNE - Université de Basse Silésie	Pr SLOWIK Aneta	9h30	9h30
9	ITALIE - Université de Milan	Pr GALIMBERTI Andrea	10h00	10h00
10	SUISSE - Teachers College, Columbia University	Pr ALHADEFF-JONES Michel	10h30	10h30
11	SUISSE - Université de Genève	Pr DOMINICE Pierre	11h00	11h00
12	ITALIE - Université de Milan /ESREA	Pr FORMENTI Laura	11h30	11h30
13	ANGLETERRE - Université de Canterbury / ESREA	Pr WEST Linden	12h00	12h00
PAUSE				
14	FRANCE - Université de Tours	Pr BRETON Hervé	14h00	14h00
15	ESPAGNE - Université de Séville	Pr MONTEAGUDO Jose	14h30	14h30
16	PORTUGAL - Université d'Evora	Pr LEAL DA COSTA Conceição	14h00	15h00
17	PORTUGAL - Université de Lisbonne	Pr CAVACO Carmen	14h30	15h30
18	MAROC - Université Ibn Zohr - Agadir	Pr BEZZARI Samira	15h00	16h00
19	ANGLETERRE - Université de Canterbury	Pr BAINBRIDGE Alan	15h30	16h30
PAUSE				
20	BRESIL - Université de Petropolis Rio	Dr ALVES ALOISIO Camila	12h30	17h30
21	BRESIL - Université de Fédérale du Minas Gerais	Pr CUNHA Maria Amalia	13h00	18h00
22	BRESIL - Université de Brasilia	Pr MATOS DE SOUZA Rodrigo	13h30	18h30
23	BRESIL - Université Fédérale du Rio Norte - Natal	Pr PASSEGGI Maria	14h00	19h00
24	BRESIL - Université d'État de Salvador de Bahia	Pr SOUZA Elizeu Clementino	14h30	19h30
25	ARGENTINE - Université de Buenos Aires	Pr SUAREZ Daniel Hugo	15h00	20h00
PAUSE				
26	MEXIQUE - Université de Guadalajara	Pr. BERNARD MEDINA Ana Guilaísne	16h00	21h00
27	CANADA - Université Laval	Pr BERNARD Marie Claude	15h30	21h30
28	CANADA - Université du Québec à Montréal	Pr PINEAU Gaston	16h00	22h00

HB: Vários fatores contribuíram para a definição do conceito e para a organização deste evento. Penso que o momento de desencadeamento veio na minha estadia no Japão durante o mês de janeiro de 2020. Fui para Kyoto para realizar alguns intercâmbios com vários colegas japoneses, incluindo os professores Makoto Suemoto do Instituto Universitário Minatogawa em Kobe, Masayoshi Morioka da Universidade Ritsumeikan em Kyoto, e o professor Koichi Hirose da Universidade de Nagoya. Foi então organizado um seminário a fim de iniciar um projeto de escrita que levasse à publicação de um livro coletivo sobre histórias de vida no Japão. No entanto, as primeiras informações sobre a propagação de um novo vírus na China começaram a circular na mídia japonesa. Eu realmente não prestei muita atenção até que a China decretou o confinamento da província de Hubei em 23 de janeiro, estabelecendo que milhares de habitantes retornassem às suas casas. Na época, esta decisão me pareceu inconcebível. No mesmo dia, comecei a usar uma máscara até retornar à França. Quando voltei à França em 26 de janeiro, no entanto, o uso de uma máscara não era exigido. Era até bastante proibido porque assustava as pessoas na rua e os clientes das lojas.

No dia 26 de janeiro, retomei minhas atividades na Universidade de Tours. Uma semana depois, uma mensagem foi enviada a todo o pessoal da universidade. Os pesquisadores que haviam ficado na Coreia, China e Japão deveriam evitar vir para as instalações da universidade. Esta situação me parecia estranha porque havia passado uma semana desde que eu havia notado a ausência total de medidas para evitar uma possível epidemia. Então, de repente, sem nenhuma medida intermediária, fui declarado em risco e mantido afastado. Pareceu-me que a regra da proporcionalidade das medidas não tinha sido bem pensada. Parti então para o Brasil em 7 de fevereiro para

uma cooperação científica com colegas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte, da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói e da Fundação Carlos Chagas (FCC) em São Paulo. Naquela época, o COVID não era realmente um tópico importante no Brasil. A propagação estava ainda no início na Europa, com a mídia francesa começando a informar sobre a detecção dos primeiros casos.

Depois, quando voltei à França, no domingo 23 de fevereiro, fui a Roma. No dia seguinte, 24 de fevereiro, a vila de Codogno, na Lombardia, norte da Itália, foi confinada. Achei difícil de acreditar: a mídia mostrou estradas bloqueadas pela polícia e habitantes italianos presos em um perímetro que havia sido decretado como fechado. Três dias depois, a medida começou a se espalhar para toda a região da Lombardia. Foi um choque na Europa. Como eu tinha passado por Roma, me pediram novamente para não vir às instalações da universidade.

Retrospectivamente, tive a impressão de que durante esses dois primeiros meses eu havia tentado escapar do vírus, deixando a Ásia para a Europa e depois deixando a Europa para o Brasil. A cada movimento, eu me distanciava do vírus, movendo-me do Leste para o Oeste. Quando voltei à Europa, em 23 de fevereiro, chegando ao aeroporto de Roma, tive a sensação de ter sido apanhado pelo vírus. Foi assim que se decidiu a direção do itinerário do seminário de 20 de junho: do Oriente para o Ocidente.

Durante o confinamento, que começou na França na terça-feira, 17 de março, às 12h, me vi confrontado com um problema. Coube-me organizar o seminário anual do Diploma Universitário Histórias de Vida em Formação (DUHVIF). Trata-se de um diploma construído a partir de um dispositivo de formação que dura dois anos. Ele consiste em 11 encontros de três

dias cada e reúne cerca de 20 profissionais dos setores de educação de adultos, da formação profissional, do trabalho social, da saúde pública e da medicina. O que anima os encontros é a busca por trazer aos alunos referências éticas, teóricas e metodológicas para estruturar os dispositivos de formação e de intervenção através de histórias de vida. Após um primeiro intercâmbio com o Professor Gaston Pineau, Pesquisador Associado da UQAM, Canadá, tive uma discussão decisiva com o professor Elizeu Clementino de Souza, Professor da UNEB em Salvador da Bahia, Brasil. Em uma noite do mês de abril, nós nos falamos e ele me sugeriu que eu organizasse um seminário internacional com a ASIHVIF para reunir pesquisadores para compartilhar histórias sobre a experiência da COVID. Foi assim que comecei a fazer os contatos para organizar o seminário em 20 de junho de 2020.

Comecei pelo Japão, depois na Índia. As respostas foram imediatamente positivas. Eu continuei pela Europa, depois cheguei ao Brasil. As mesmas reações... Penso que havia uma expectativa de socializar a experiência e de dialogar em torno dela. Foi o que o seminário *web* de 20 de junho de 2020 propôs: abrir um espaço para a expressão da experiência vivida em torno da pandemia a partir de quatro temas: (1) descrever a forma como a pandemia se impôs na vida cotidiana; (2) descrever a experiência do confinamento; (3) examinar os processos de aprendizagem e formação gerados por esta provação; (4) pensar sobre os eventos em escala social.

CAA: Na sua opinião, quais são as contribuições deste seminário diante do cenário atual, agora atravessado, de forma global, pela incerteza e mudança de hábitos nas diferentes áreas da vida em sociedade?

HB: O conceito do seminário *web* foi o de abrir um espaço de fala em escala planetária, agrupando discursos em uma unidade de tem-

po de 24 horas. No dia 20 de junho, portanto, começamos o dia às 4h da manhã na França, ou seja, 11h no Japão. Após três conferências, fomos a Hong Kong, seguimos para a Tailândia e depois para a Índia. Este primeiro bloco de conferências ficou, portanto, situado na Ásia, sendo esta denominação um pouco grosseira, porque é arriscado agrupar países tão diferentes como Japão, China ou Índia.

Após um breve intervalo, o itinerário das conferências foi retomado na Europa, incluindo vários países como Polônia, Itália, Suíça, França, Espanha, Portugal, Inglaterra e chegando até o Marrocos, no norte da África. Mais uma vez, apesar da proximidade geográfica, as experiências expressas mostraram discrepâncias entre as decisões tomadas, as realidades vividas nos diferentes campos, a intensidade da propagação da epidemia e o impacto sobre os sistemas sanitários e políticos.

A retomada da conferência *web* permitiu então a expressão e a socialização das histórias brasileiras, argentinas, mexicanas e canadenses. Este ciclo de seminários terminou às 22h30min, horário francês.

CAA: Quais são as contribuições que a abordagem narrativa e biográfica pode trazer às questões emergentes da pandemia da COVID-19?

HB: A particularidade do seminário *web* foi reunir 28 narrativas, seguindo o itinerário da propagação da epidemia da COVID-19 que se tornou uma pandemia: do Oriente para o Ocidente, fazendo um *tour* do mundo. O fato de ter ocorrido no mesmo dia tornou possível apreender a natureza comum da experiência a pandemia, caracterizada, em particular, por um evento experienciado em todos os países do mundo: o confinamento. Esta experiência é marcada por percepções de ruptura da vida cotidiana, de perda de agentividade, de isolamento social, de transformação na relação com o tempo, de metamorfose das estruturas

de antecipação e de deterioração das condições econômicas e sociais.

Entretanto, embora dimensões comuns possam ser percebidas de acordo com as narrativas, os efeitos do confinamento diferem de acordo com as situações sociopolíticas, com a virulência da pandemia, a cultura do risco, o conhecimento já acumulado para ajustar a conduta em uma situação de crise sanitária e a gestão política da crise. Assim, entre as instruções de autodisciplina pronunciadas no Japão, o desespero dos trabalhadores precários vindos do mundo rural na Índia, o medo ambiental vivido durante o confinamento no norte da Itália devido ao número importante de mortes nas cidades de Bergamo ou Brescia, em particular, o confinamento barulhento da França ou os protestos de líderes narcisistas que se acreditam imunes pela força de crenças supostamente autorrealizáveis, algumas discrepâncias são óbvias. As narrativas partilhadas no dia 20 de junho nos permitem apreender estas realidades, traduzir as dimensões experienciais inscritas nas mesmas, captar os questionamentos que emergem, a fragilidade do terreno existencial que se instaura e as incertezas acerca do futuro.

CAA: Como podemos prever um diálogo entre a abordagem narrativa, as experiências vividas durante o confinamento e o aprendizado que resulta das mesmas?

HB: Como disse em minha introdução, as práticas narrativas permitem trazer à linguagem as experiências cotidianas que geram aprendizado sem que seja preciso categorizá-las. A pandemia é um fenômeno difuso, que impregna as atividades diárias, muda a atmosfera, transforma as relações com os outros, redefine as relações com o meio ambiente e causa incerteza sobre o futuro. Esta é uma das características deste tipo de fenômeno: ele é dificilmente apreendido pelo pensamento; ele é, antes de tudo, experimentado pelo corpo, na

escala da vida sensível. A pandemia é um fenômeno sem perímetro, indefinido em sua duração e caracterizável em suas consequências.

Sua natureza global inclui uma dimensão isomórfica diante da crise ecológica que avança sem controle, apesar dos sinais de alerta regularmente documentados. Entretanto, para compreender a ameaça representada por estes fenômenos, é necessário voltar ao trabalho de Ulrich Beck (2008, p. 51): “é também neste sentido que devemos entender a natureza invisível dos riscos. A suposta causalidade permanece mais ou menos incerta e transitória. A este respeito, quando tomamos consciência da existência de riscos diariamente, estamos tratando de uma consciência teórica e, da mesma forma, cientificizada”¹⁰. Para apreender o risco associado à pandemia da COVID-19, recorrer ao significado não se mostra suficiente.

Os saberes constituídos pela ciência são necessários para gerenciar em escala coletiva, para produzir informações sobre medidas de prevenção adequadas e para acompanhar os indicadores de ajuste das condutas. Esta situação me faz lembrar do desastre de Fukushima no Japão. Quando fui a Tóquio em julho de 2011, era possível imaginar níveis mortais de radioatividade em cada rua. A única maneira de descobrir, e assim evitar cair no medo irracional e reflexo, era usar um contador de Geiger. Assim, passei o meu verão com uma pequena caixa que indicava os níveis de becquerel durante as minhas viagens. Tóquio se tornou novamente uma cidade agradável, agitada e fantástica. Parece-me que a situação pandêmica é comparável, de certa forma, aos problemas colocados pela radioatividade. Os sentidos não detectam nada e não conseguem perceber o perigo. Portanto, a ciência é, então, necessária para caracterizar a ameaça.

Assim, para entender, neste tipo de situa-

¹⁰ BECK, Ulrich. *La société du risque*. Paris: Flammarion, 2008.

ção, o conhecimento formal deve ser integrado. Entretanto, enquanto o mundo está concentrado nas questões de saúde, as questões éticas podem ficar em segundo plano. A contribuição das narrativas é decisiva deste ponto de vista: trazendo a experiência para a linguagem, tornando possível expressar a vida sensível, a dor do isolamento, a perda de um ente querido, o sofrimento gerado pela impossibilidade de viver em conjunto a partida de um parente, [...] As narrativas humanizam a ciência, contribuem para o diálogo entre os conhecimentos e nos lembram que todo conhecimento deve ser pensado com base nos efeitos experimentais que gera. A força das narrativas, nestes tempos conturbados, é que elas nos lembram as questões éticas relacionadas ao conhecimento.

CAA: Para aqueles que desejam conhecer os trabalhos apresentados no seminário, exis-

te um *site* em que eles possam ser consultados? Está prevista uma continuação ou publicações?

HB: As conferências de 20 de junho foram gravadas e colocadas *on-line*. Eles podem ser consultados através do *link* a seguir: https://www.youtube.com/channel/UCZxXph1Hf8Y-wEyGKXuj4gLQ/videos?view_as=subscriber.

Os textos dos conferencistas foram reunidos em um livro coletivo intitulado *Vies et récits durant la catastrophe. Perspectives internationales* – Vidas e narrativas durante a catástrofe. *Perspectives internationales* – que será publicado pela coleção “*Histoires de vie en formation*” – “Histórias de vida em formação” – da editora L’Harmattan. A referida publicação está agendada para setembro de 2020¹¹.

CAA: Muitíssimo obrigada, professor Hervé Breton.

Recebido em: 18/08/2020

Aprovado em: 03/09/2020

11 BRETON, Hervé. (dir.). **Chronique du vécu d'une pandémie planétaire**. Récits d'universitaires, d'Est en Ouest, Premier semestre 2020. Paris : L’Harmattan. 2020.